



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A DIVERSIDADE SEXUAL E O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NA CONTEMPORANEIDADE

UFCG - Viviane Kate Pereira Ramos
UFCG - Dayanne Azevedo da Silva

Em meio às lutas pelo direito a diversidade, é possível encontrar um número cada vez maior de documentos formulados por ativistas, religiosos e acadêmicos na área do Direito, História, Psicologia e afins, acerca de temáticas que vão desde o combate à homofobia, o casamento civil igualitário e a adoção de crianças por casais homoafetivos. Muitas dessas produções são divulgadas em diversos sites e blogs, que, por sua vez, estão ligados a outras comunidades, fator que torna o compartilhamento acessível entre diversos leitores, possibilitando que um número maior de pessoas tenha acesso aos debates que acarretam numa diversidade de opiniões sobre a temática, contribuindo com os debates em torno das políticas públicas em favor da diversidade sexual.

Dentre os diversos modelos de discursos que buscam legitimar as relações entre pessoas do mesmo sexo em nossa sociedade, encontramos defensores da diversidade sexual que afirmam a existência de uma homossexualidade já na cultura grega clássica, aspecto que evidencia uma apropriação de conceitos e práticas culturais do período clássico na tentativa de desconstruir a ideia de uma homossexualidade enquanto *opção* e, até mesmo, depravação. Discursos amplamente difundidos por fundamentalistas religiosos que, por vezes, busca comprovar um *rompimento dos bons costumes* na atualidade a partir de um discurso que tem por objetivo expor a homossexualidade como sinônima de depravação.

Dessa forma, esses discursos têm como base uma *moral cristã* e são amplamente divulgados por Católicos, Protestantes e Evangélicos fundamentalistas religiosos que condenam a *homossexualidade* e pretendem aplicar a mesma um caráter *imoral*, e até mesmo como doença, *homossexualismo*¹. Os argumentos desses religiosos podem, ainda, se apoiar

¹*Homossexualismo* é uma expressão errônea e considerada pejorativa nos dias atuais. O sufixo “ismo” sempre se refere à doença. A homossexualidade foi retirada da lista internacional de doenças no dia 17 de Maio de 1990,



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

em discursos que pretendem ser científicos, mas, imbuídos de preceitos religiosos fundamentalista, como é o caso da psicóloga paranaense *Marisa Lobo*, defensora e promotora da chamada “psicologia cristã”, teve seu registro profissional *cassado* em Abril deste ano, discursos que apresentam os homossexuais como depravados, doentes, exercendo forte influência sobre a mentalidade de parcela da sociedade.

Já nos princípios do cristianismo, os pecados contra a natureza, incluíam especificamente a bestialidade, a homossexualidade e a masturbação, como escreveu Santo Agostinho ao mencionar o posicionamento da Igreja em relação ao sexo, na obra *Confissões* (III. 8):

Pecados contra a natureza, como o foram os dos sodomitas, hão de ser detestados e castigados sempre e em toda parte, pois, mesmo que todos os cometessem, não seriam menos réus de crime diante da lei divina, que não fez os homens para usar tão torpemente de si; de fato viola-se a união que deve existir com Deus quando a natureza, da qual ele é autor, se mancha com a depravação das paixões².

Acima Agostinho menciona as cidades de Sodoma e Gomorra, nomes que em nossa sociedade passaram a ser empregados para expressar a ideia de “perversão”. Nesta passagem, observamos que ele retorna as narrativas bíblicas, que por sinal é uma questão marcante nas obras do mesmo, a fim de debater a questão do pecado contra a natureza e a punição divina para com os pecadores, questão ilustrada nas palavras de Agostinho através da referência a narrativa presente no livro Gênesis 19:24 que relata a história de duas cidades, Sodoma e Gomorra, onde os seus moradores viviam no vício, no pecado contra a natureza: a *Sodomia*, assim “o Senhor fez chover enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra” como punição de seus pecados. Essa doutrina cristã, sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo, é contrária às concepções filosófico-culturais pregadas pelos gregos.

No que diz respeito ao uso das passagens bíblicas por estes seguimentos, com o propósito de deslegitimar e colocar as relações entre pessoas do mesmo sexo enquanto imorais, defensores da diversidade sexual propõe uma releitura da Bíblia fazendo-se um

por esse motivo o 17 de Maio ficou marcado como dia Internacional contra a homofobia. Em 1973 a *Associação Americana de Psiquiatria* retirou a orientação sexual da lista de transtornos mentais, em 1975 foi a vez da *Associação de Psicologia* adotar a mesma posição. Homossexualidade, transexualidade é o termo correto que traduz a orientação sexual, ou seja, por quem se sente atração.

² SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad.: J. Oliveira Santos; SJ, A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Livro III. 8.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

caminho inverso ao dos conservadores Católicos, Protestantes e Evangélicos, contrariando os discursos religiosos que tomam passagens bíblicas como fundamentais para comprovar o caráter imoral das relações entre pessoas do mesmo sexo, os ativistas do movimento LGBT formulam seus discursos a fim de mostrar as incoerências presentes nas interpretações desses fundamentalistas frente às narrativas presentes na Bíblia.

Para Luiz Mott, ativista e Historiador, em “*O que todo Cristão deve saber sobre homossexualidade*” inexistem na Bíblia as palavras homossexuais, lésbicas e homossexualidade, assim, aquelas que apresentarem tais expressões foram mal traduzidas, quanto aos motivos que levaram a destruição de Sodoma e Gomorra, enfatizando que não existem evidências históricas nem arqueológicas da existência dessas cidades e acrescenta:

Prova disto, é que todos os textos que aludem à Sodoma no Antigo Testamento atribuem sua destruição a outros pecados e não ao "homossexualismo": falta de justiça (Isaías, 1:10 e 3:9), adultério, mentira e falta de arrependimento (Jeremias, 23:14); orgulho, intemperança na comida, ociosidade e "por não ajudar o pobre e indigente" (Ezequiel, 16:49); insensatez, insolência e falta de hospitalidade (Sabedoria, 10:8; 19:14; Eclesiástico, 16:8). No Novo Testamento, não há qualquer ligação da destruição de Sodoma com a sexualidade e, muito menos, com a homossexualidade (Mateus, 10:14; Lucas, 10:12 e 17:29). Só nos livros neotestamentários tardios de Judas e Pedro, é que aparece em toda a Bíblia alguma conexão entre Sodoma e a sexualidade (Judas, 6:7, Pedro, 2:4 e 6:10). Mesmo aí, inexistem qualquer referência ao "homoerotismo". Foi só na Idade das Trevas que os católicos passaram a identificar “sodomia” com cópula anal, seja entre pessoas do mesmo sexo, seja de um homem com uma mulher³.

A fala de Santo Agostinho, mencionada anteriormente, é bastante pertinente para questionarmos diversas posturas rígidas da Igreja Católica, bem como de seguidores fundamentalistas do Cristianismo, pois, ao afirmar que aquele que pecar contra a natureza sofrerá as consequências, sendo *castigado severamente e detestado* por Deus, a discordância fica visível quando vemos passagens como está presente em *Paulo na epístola aos Gálatas* (3.28): “*Não há judeu, nem grego, não há servo, nem livre, não há homem nem mulher.*”

³ MOTT, Luiz. **Homossexualidade: Mitos e Verdades**. Salvador, Editora GGB, 2003, p.101-108. Acesso em: 31 de Dezembro de 2013. Disponível em: <<http://luiz-mott.blogspot.com.br/2006/08/o-que-todo-cristo-deve-saber-sobre.html>>.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

*Todos vós sois um só em Jesus Cristo*⁴, aqui este Deus é capaz de receber todos sem restrições, mas essa aceitação divina só ocorre quando o “pecador” faz as devidas renúncias e segue os ensinamentos presentes na Bíblia, tidos como os *naturais*.

Entretanto, na tentativa de desconstruir esses discursos homofóbicos e apresentar fatos históricos que comprovem aceitação e respeito para com as relações entre pessoas do mesmo sexo, e até mesmo uma “origem” para essas relações em sociedades politeístas, a obra *Homossexualidade: uma história*, do jornalista inglês Colin Spencer procura resgatar a história da homossexualidade, buscando referência desde a Pré-história, perpassando pela Antiguidade até os dias atuais, usando o termo “homossexual” para designar qualquer relação de envolvimento entre homens em períodos anteriores à elaboração de tais conceitos.

Seguindo uma linha de argumentação semelhante à de Colin Spencer, o artigo “A homossexualidade e a sua história” pretende debater a questão das relações homoafetivas a fim de contribuir com as discussões em torno do reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo enquanto entidade familiar. Os autores Francisco Filho e Daniela Madrid iniciam o debate sobre as raízes históricas da homossexualidade apontando que “a homossexualidade na Grécia Antiga não se atinha ao discurso de pensamentos filosóficos e de culto ao belo”⁵, assim, demonstra que estas relações já eram praticadas em outras sociedades e eram aceitas, sendo importante garantir os direitos dessas relações em nossa sociedade.

No artigo “A Homossexualidade na História: Da Antiguidade ao século XX” Neto ainda destaca o legado deixado pelos gregos antigos para o ocidente, sendo possível localizar em sua fala a importância de retornar a cultura clássica na tentativa de legitimar os discursos contra ou a favor das relações homoeróticas:

O berço da filosofia, terra que nos fez herdar belezas arquitetônicas, foi o celeiro de muitas de nossas ciências e da democracia. Exemplos de homossexualidade na Grécia não são limitados aos mortais, na

⁴ **BÍBLIA SAGRADA**. Trad.: João Ferreira de Almeida, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Gálatas (3.28)

⁵ FILHO, Francisco; Madrid. **A homossexualidade e a sua história**. Disponível em: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1646/1569> Acesso em 28 de Janeiro de 2014.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

ficção está a maior demonstração da abertura do pensamento grego sobre o tema⁶.

Com isso, enquanto o segmento LGBT⁷ e seus simpatizantes buscam enfatizar a importância da cultura grega antiga para a formação da cultura Ocidental, buscam nessa sociedade elementos que comprovem o preconceito e o sentimento de “ódio” alimentado por fundamentalistas religiosos cristãos para com a homossexualidade, destacando a aceitação destas numa sociedade em que a moral cristã não estava presente, onde as crenças e práticas culturais encaravam de forma natural a ponto de seus deuses praticarem tais práticas sexuais.

Por vezes, tenta-se mostrar os deuses gregos em relações homossexuais, numa tentativa de apontar a liberdade dos ritos religiosos nesta sociedade e demonstrar que até mesmo os deuses gregos mantinham relacionamentos homossexuais, como é o caso do suposto relacionamento entre Zeus e Ganimedes: “Digo eu que, até, que, a Ganimedes, Zeus levou-o consigo para o olimpo, não por causa do seu corpo, mas da sua alma, como o próprio nome testemunha”⁸. Muitas vezes, narrativas como essas são usadas como “pano de fundo” por fundamentalistas religiosos para tentar comprovar a “imoralidade” presente nas sociedades ditas *pagãs*, isso por meio de discurso que prega a repulsa as sociedades politeístas. Seguindo caminho oposto, as interpretações usadas pelos ativistas LGBT apontam a beleza das relações entre iguais na sociedade grega antiga, mostrando a beleza presente numa relação em que existem admiração e valorização da alma.

Na maioria dos debates presente nas obras de Platão, os maiores questionamentos acontecem quando nas relações de pederastia⁹ o *erastes* comete excessos e torna-se escravo

⁶ NETO, Arthur Virmond de Lacerda. **A homossexualidade na história: Da antiguidade ao século XIX**. Disponível em: <www.revistaladoa.com.br/2007/11/noticias/homossexualidade-na-historia-antiguidade-ao-seculo-xix>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013.

⁷ O uso dessa sigla LGBT é usado considerando a recomendação da ABGLT (Associação brasileira de gays, lésbicas, travestis, transexuais e Transgêneros), a fim de dar maior visibilidade ao segmento lésbico no ativismo brasileiro, dessa forma, utiliza-se a sigla LGBT em substituição a GLBT. A adoção dessa terminologia em Junho de 2008 encontra-se em consonância com as tendências internacionais, por projetar a atuação das lésbicas na superação da ideologia patriarcal e da dominação masculina.

⁸ XENOFONTE, **Banquete**, VIII, 30.

⁹ Proveniente do grego “*Paiderastia*”, que é a junção de outras duas expressões gregas – *paîs* (“criança”) e *erân* (“amar”) - o termo pederastia, de acordo com as pesquisas historiográficas atuais, denotava na Atenas do período clássico o sentido educativo, sendo a combinação do processo preparatório do futuro cidadão ateniense com o amor metafísico só conhecido entre os homens (VRISSIMTZIS, 2002: 101-102), tendo como principal objetivo a preparação do jovem para a inserção deste no seio da sociedade ateniense. Teria surgido por volta do século VI



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

dos prazeres carnavais, essa falta de comedimento é que, no pensamento do período clássico, deveria ser condenado por colocar em risco os interesses coletivos, com isso, tanto em Atenas como em Esparta as opiniões acerca das relações pederásticas não eram uniformes, cada região tinha sua concepção.

A verdade é que, não podemos resumir as relações entre iguais a uma questão de preferência sexual, é importante atentar para o fato de essas relações estarem ligadas a diversas questões política, filosófico-cultural da época, não sendo coerente reduzir as mesmas a uma questão sexual. Segundo Jaeger:

O amor por outro ser humano é aqui focalizado à luz do processo de aperfeiçoamento do próprio eu. Essa perfeição só é atingível na relação com um tu, pela qual as forças do indivíduo precisado de complemento se incorporam no todo primitivo e assim possam atuar na sua verdadeira eficácia¹⁰.

Nesta passagem nota-se que nessa sociedade valorizava-se a amizade entre o *erastes* e o *erômenos*, Xenofonte diz que “sem amizade, nenhuma relação vale a pena” (**Banquete**, VIII, 13), no *Banquete* pode-se ver que a sociedade grega clássica, que prezava pelos ensinamentos e os laços que fortaleciam os cidadãos e a *Pólis*, como se pode ver:

De meu lado, não sei de maior benção para um jovem no começo da vida do que um amante virtuoso, nem para este do que um amigo nas mesmas condições. O que deve servir de norma de conduta para os que se propuserem a viver de bela e retamente não lhes é inspirada tão bem nem pelos parentes, nem pela beleza, a riqueza, as dignidades e tudo o mais, como pelo amor¹¹.

Nessa passagem do diálogo, Fedro expõe a importância da relação entre iguais quando regidas pela virtude, pois essa seria a responsável por manter a união e a beleza da amizade entre os cidadãos da *pólis* e, assim, não cometerem desmedidas que coloquem os interesses desta em detrimento dos desejos pessoais, portanto, aquele que ama está “destinado” a realizar coisas belas através da prática da virtude. Dessa forma, Platão e Xenofonte demonstram em suas obras que a noção de *philia* (amizade) não poderia existir exclusivamente para atender aos

a.C. e durou até o fim do século IV a.C., podendo ser mais antiga, porém, as fontes não fazem referências significativas (VRISSIMTZIS, 2002, p. 101).

¹⁰ JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.733.

¹¹ PLATÃO. **O Banquete**. Texto grego John Burnet. Trad.: Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: Editora UFPA, 2011.178c-d.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

desejos dos amantes pelos rapazes, pois estes seriam passageiros e sem valor e demonstrava que não existia uma afeição verdadeira pelo jovem.

A revista digital *Grisalhos* oferece um espaço online com conteúdos direcionados para homossexuais maduros, neste espaço consta um texto intitulado “Da pederastia à homossexualidade” faz uma análise de como cada época foi formulando novas formas de expressar as relações homoeróticas. No texto, é possível observar como o autor traz suas experiências para debater como cada época, a partir de suas experiências históricas, vai moldando suas formas de expressar e lidar com a questão das relações entre iguais. Numa certa passagem do texto, o autor faz a seguinte observação: “O termo pederastia remonta à Grécia antiga e eu me lembro de que no início dos anos 1970 muitas pessoas ainda usavam esse termo. Uma vez um senhor pederasta me perguntou se eu também era pederasta”¹², nesse caso, as relações homossexuais eram denominadas a partir de uma expressão que remonta a uma prática pertencente à cultura grega antiga que foi tomando outras conotações, entre estas, o mesmo autor diz “também, é comum às pessoas confundirem pederasta com pedófilo”¹³ na tentativa de criminalizar as relações entre pessoas do mesmo sexo em nossa sociedade, leituras tendenciosas são realizadas com a finalidade de desautorizar essas relações, desqualificar a cultura greco-romana ao realizarem leituras das práticas pederásticas como uma imposição de poder de homens mais velhos sobre crianças, a fim de promover abusos sexuais.

Marisa Lobo, defensora de um tratamento que possibilitaria a “cura gay”, publicou um texto em seu blog intitulado: “*Pederastia – homens mais velhos tendo relações com meninos pré-adolescentes (crianças) eram tidas como normais na antiguidade*”, nele a mesma afirma que

A história mostra, em minha opinião, uma monstrosidade da “era” ateniense onde os adultos, que controlavam de alguma forma o poder e a religião, praticavam claramente, de forma perversa, uma educação sexual travestida do que chamamos e combatemos hoje de pederastia (homens mais velhos que satisfazem seu prazer sexual com meninos

¹² REVISTA ELETRÔNICA. **Da pederastia à homossexualidade**. Acesso em: 01 de Novembro de 2013. Disponível em: <<http://grisalhos.wordpress.com/?s=Da+pederastia+%C3%A0+homossexualidade>>

¹³ Ibidem.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

adolescentes), e pedofilia (adulto homem e/ou mulher que satisfazem seu prazer sexual com crianças menores)¹⁴.

Com um discurso semelhante, Mons. João Scognamiglio Clá Dias em seu artigo *A Igreja é imaculada e indefectível* afirma que *aquilo que a imprensa de hoje denomina de pedofilia era largamente praticada no mundo antigo, ao amparo da lei, por influência das religiões pagãs*¹⁵, este discurso oferece evidências importantes para pensarmos o processo de apropriação de práticas antigas pela contemporaneidade, neste sentido, a fala de Mons. Dias apresenta uma leitura acerca da *homophilia*¹⁶ grega enquanto uma *pedofilia*¹⁷. Essa leitura não ocorre de forma aleatória, por muitos anos a palavra pederasta foi usada, e ainda é, muitas vezes, para designar aqueles que abusam sexualmente de crianças, assim o autor entende ter alcançado seu objetivo ao desqualificar as relações entre iguais e ainda fazer essa aproximação entre a pederastia e a *pedofilia* numa clara tentativa de formular uma teoria onde os homossexuais seriam *amorais*, doentes e tentam criminalizar as relações entre pessoas do mesmo sexo.

É imprescindível analisar essa leitura realizada por Mons. Dias, por se tratar de um assunto de bastante repercussão na sociedade atual, discursos como estes ganham grandes proporções quando se debate os direitos LGBT, pois levando em consideração o número de pessoas que não têm conhecimento acerca da cultura greco-romana e o número de seguidores do cristianismo, é inevitável que leituras que demarcam opiniões e interesses particulares sejam tomadas como verdadeiros por parcela da população, principalmente se tratando de um período da história do ocidente marcado por leituras que o colocam como *amoral*, lugar onde tudo era permitido.

É importante notar que, essas relações de pederastia eram aprovadas pela família, além disso, não era qualquer um que seria o Erastes, o interessado passava pelo crivo de aprovação da família e passava por um ritual de “conquista” onde o Erômenos decidia se aceitava o

¹⁴ LOBO, Marisa. *Pederastia – homens mis velhos tendo relações com meninos pré-adolescentes (crianças) eram tidas como normais da antiguidade*. Disponível em: <www.marisalobo.blogspot.com.br/2012/07/pedofilia-x-pederastia-homens-mais.html>. Acesso em: 25 de Janeiro de 2013.

¹⁵ DIAS, João Scognamiglio Clá. *A Igreja é imaculada e indefectível*. São Paulo, 2010. Acesso em: 15 de Fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.arautos.org/desagravo/documento.pdf>>. p. 06

¹⁶ *Homophilia* - Palavra do grego: *homo* “igual” e *philia* “amigo”, ou seja, amizade entre iguais.

¹⁷ *Pedofilia*- Perversão sexual, na qual a atração sexual de um indivíduo adulto ou adolescente está dirigida primariamente para crianças.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

candidato como *philoí* (amigo) e educador. Entretanto, não era admitido que um cidadão durante o envolvimento com um jovem assumisse posturas que lhe assemelhasse a mulher, um ser passivo, fraco, incapaz de assumir posturas firmes e controlar suas paixões, de acordo com Platão. Os efeminados, bem como seus amantes, estavam desprovidos da sabedoria por estarem mais preocupados com os prazeres da carne e não com a alma. A questão de ativo e passivo, nesse contexto, faz referência à questão da superioridade e subordinação nas esferas política e social, e não propriamente a uma questão de posição sexual como entendemos na sociedade atual¹⁸.

Diante de tantos discursos que pretendem legitimar posicionamentos individuais ou de um grupo, é importante atentar para o fato de que cada período possui suas particularidades, a sociedade grega antiga, assim como a sociedade contemporânea, não possui um discurso universal, hegemônico, uma verdade absoluta, mas sim, leituras que são realizadas a partir das experiências de cada ator social e o contexto histórico no qual o mesmo está inserido.

Como se pode constatar, as apropriações de práticas socioculturais do período clássico são realizadas pelos defensores da diversidade sexual a fim de comprovar não apenas a existência histórica das relações entre pessoas do mesmo sexo, mas pretende legitimar a sexualidade, dita “desviante”, por Católicos e Protestantes conservadores, a partir de exemplos onde essas relações homoeróticas já se faziam presente e eram respeitadas por culturas que não possuem os padrões morais baseados nos dogmas Judaico-cristãos que só aceitam uma sexualidade que tenha como finalidade primordial a reprodução através da união entre o *homem* e a *mulher*, alegando que este é o desejo divino desde a criação de Adão e Eva.

Para Chartier:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo¹⁹.

Percebemos, assim, que o autor chama a atenção para a necessidade de historicizar a leitura dos textos, evitando que esses sejam compreendidos de forma a julgarmos que eles

¹⁸ JAEGER, 1986, p.727.

¹⁹ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad.: Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.24.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

possuam significados independentes, de forma a não levarmos em consideração os sentidos que são aplicados a esses textos pelo leitor. Esses debates são mais que um “novo olhar” sobre o passado, mas contribuem para que se questione a divisão dos sujeitos em heterossexuais *versus* homossexuais, instituídos desde o século XIX. São questões como estas que evidenciam a necessidade e a importância de uma releitura da Bíblia, através do método histórico-crítico, possibilitando-nos, dessa forma, situar as narrativas bíblicas de acordo com seus respectivos ambientes socioculturais e seus métodos de expressão próprios, o uso desse método levaria a uma leitura não radical e literal da Bíblia, além de abrir caminhos para novas compreensões.

BIBLIOGRAFIA

FILHO, Francisco; Madrid. **A homossexualidade e a sua história.** Disponível em: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1646/1569> Acesso em 28 de Janeiro de 2014.

NETO, Arthur Virmond de Lacerda. **A homossexualidade na história: Da antiguidade ao século XIX.** Disponível em: <www.revistaladoa.com.br/2007/11/noticias/homossexualidade-na-historia-antiguidade-ao-seculo-xix>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2013.

XENOFONTE. **Banquete – Apologia de Sócrates.** Trad. Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de estudos clássicos e Humanísticos, 2008.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: Mitos e Verdades.** Salvador, Editora GGB, 2003, p.101-108. Acesso em: 31 de Dezembro de 2013. Disponível em: <<http://luiz-mott.blogspot.com.br/2006/08/o-que-todo-cristo-deve-saber-sobre.html>>.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: Formação do Homem Grego.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REVISTA ELETRÔNICA. **Da pederastia à homossexualidade.** Acesso em: 01 de Novembro de 2013. Disponível em: <<http://grisalhos.wordpress.com/?s=Da+pederastia+%C3%A0+homossexualidade>>.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

LOBO, Marisa. *Pederastia – homens mis velhos tendo relações com meninos pré-adolescentes (crianças) eram tidas como normais da antiguidade.* Disponível em: <www.marisalobo.blogspot.com.br/2012/07/pedofilia-x-pederastia-homens-mais.html>. Acesso em: 25 de Janeiro de 2013.

PLATÃO. **O Banquete.** Texto grego John Burnet. Trad.: Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: Editora UFPA, 2011.178c-d.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações.** Trad.: Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

RAMOS, Viviane Kate Pereira. **Homoafetividade: Discursos e práticas contemporâneas, apropriações helênicas.** Campina Grande, 2014. 69f.